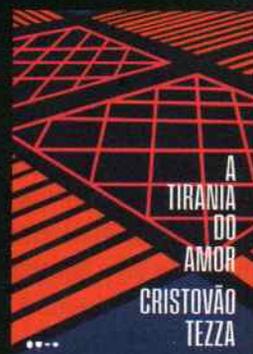
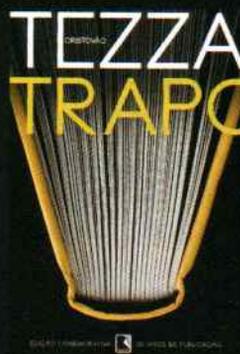
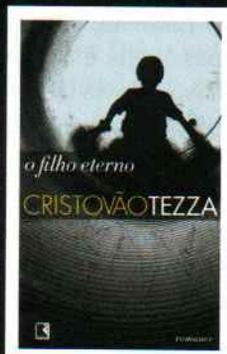


Destaque

CRISTOVÃO TEZZA

Internacionalmente conhecido pelo sucesso "O Filho Eterno", o escritor também possui obras traduzidas e publicadas em muitos outros países, como EUA, México, Noruega, Inglaterra e, China.



“A LITERATURA TRAZ FELICIDADE.”

Ele é um paranaense, melhor dizendo, um curitibano da gema, atleticano de fé. Um pouco diferente dos outros paranaenses, já que nasceu no seio de uma princesa catarinense, no chão fecundo de Lages, a Princesa da Serra. Nada mais adequado que um berço principesco, diria, se o pudesse saber, o poeta maior Fernando Pessoa, que foi astrólogo profissional. E explicaria: “Ora pois, nascido num 21 de agosto, em 1952, o gajo tem o Sol natal em conjunção com Regulus, a Estrela do Reis, o coração do Leão. Queres que ele seja pouca coisa?”

Da Lages catarinense, por ficar viúva, a mãe tangeu-o e a seus irmãos para a capital do Paraná, em busca de um futuro mais promissor para todos. E o pequeno Cristovão, aos 7 anos, fez os 13 pontos: encontrou sua mátria.

Ali cresceu e estudou; e leu; e leu muito. Tanto que, aos 17 anos, escreveu seu primeiro romance – que o adulto viria a abominar depois, é claro, nada mais natural. Mas, apesar dessa manifestação precoce de sua verdadeira vocação, o jovem Tezza fez de tudo para fugir ao seu chamado.

Tratou de ser artista de teatro por um bom tempo. Sentiu o fascínio do mar, quis singrá-lo como marinheiro. Ao mar não se entregou, contudo, deixou a escola de marinha mercante meses depois. Acabou ganhando a Europa, foi trabalhador ilegal na Alemanha, percorreu outros países; voltou à pátria, experimentou até mesmo ser relojoeiro em Antonina, uma carreira tão curta quanto sua soçobrada marinheiraria.

Ainda bem para nós, seus futuros leitores. Porque, terminada essa fase peregrina, em que se preparava na escola da vida, sem sabê-lo, para ser um grande escritor, Tezza cansou de fugir do seu destino e prestou enfim vestibular para o curso de Letras, na Universidade Federal do Paraná. Ali gradou-se em 1982. E voltou ao chão natal catarinense para fazer mestrado em Florianópolis, na UFSC. Foi onde começou uma longa carreira de professor universitário, que o trouxe logo de volta a sua casa-máter, a UFP, em 1986. Ali tornou-se doutor e foi professor até 2009. Foi quando o sucesso de *O filho eterno* proporcionou-lhe meios para encerrar a vida acadêmica e passar a dedicar-se exclusivamente à profissão de escritor.

Foi aí que nós outros, já então seus leitores, fizemos os 13 pontos! Basta olhar a longa lista de obras do maduro Tezza desde então, relação que está no fim desta entrevista.

Também em muitos outros países, como EUA, México, Noruega, Inglaterra, China – 18 países até agora – obras de Cristovão Tezza foram traduzidas e publicadas. E a edição francesa de *O filho eterno* (*Le fils du printemps*) recebeu o Prêmio Charles Brisset.

Mas agora, sem mais delongas, vamos ao que interessa, que o leitor se impacienta. Ele não está aqui para enfadar-se com prolegômenos à antiga, mas para ler Cristovão Tezza. Que venha, então, a entrevista que ele concedeu a nosso editor Milton Maciel, com uma gentileza e uma boa vontade inigualáveis, pelas quais lhe somos eternamente agradecidos.

RE: Em primeiríssimo lugar, como pronunciar: Tézza ou Têzza?

CT: Por tradição de família, “Têzza”. Mas muita gente me chama de “Tézza”, o que não me incomoda. A única coisa que me incomoda é escreverem “Cristovão”, com acento; o meu nome é Cristovão, sem acento - sou um erro ortográfico!

Com que idade você aprendeu a ler? Precoce-mente? Como era o hábito da leitura em sua casa então?

Aprendi a ler como todo mundo, lá pelos seis anos; nunca fui precoce em nada. Meu pai vinha de uma família italiana de 12 irmãos, e, saindo da roça, aprendeu a ler no Exército. Recuperou o tempo perdido, estudou e se formou advogado. Minha mãe era normalista, professora primária. Casaram-se em Florianópolis e foram para Lages, Santa Catarina, onde nasci. Havia livros em casa, e a leitura sempre foi percebida na minha família (somos quatro irmãos) com um valor positivo, algo importante. Mas o livro só entrou realmente na minha vida depois da morte do meu pai, quando a mãe se mudou com os filhos para Curitiba, em 1962. Nesse momento a literatura entrou na minha vida para não sair mais.

Consta que Lobato, Verne e Conan Doyle teriam sido fundamentais nos seus verdes anos. E Simenon e Joseph Conrad depois. Poderia falar sobre isso para nossos leitores?

Pensando sobre a minha formação de infância e adolescência, lembro desta tríade de iluministas, Lobato, Júlio Verne, Conan Doyle (principalmente o do Sherlock Holmes). Era uma amostra típica do tempo, na esteira dos anos 1950, que preconizava a razão, a inteligência e o progresso científico como valores altamente positivos. Mais tarde, na virada dos anos 1970 e a explosão da contracultura, eu viveria este choque de visões de mundo que até hoje vem marcando nosso tempo.

Entrando na vida adulta, fui passando por fases de encantamento e descobrindo escritores vorazmente, como acontece com todo mundo. Joseph Conrad foi um deles; William Faulkner, outro. Lia policiais, e Simenon foi uma descoberta importante. Depois, a literatura latino-americana, a tríade Márquez, Cortázar, Borges, que marcou uma geração. No Brasil, Graciliano e Drummond, que me deram talvez as tonalidades fundamentais da língua brasileira. Até hoje sinto o eco das palavras, imagens, da sintaxe e do olhar sobre o mundo desses dois escritores. Hoje, releio Machado de Assis, e é como se fosse uma nova descoberta.

“Bem, inesperadamente – porque, de fato, eu achava que o livro seria recebido com alta resistência por leitores e críticos –, *O filho eterno* foi um sucesso. Ganhou prêmios, foi traduzido para uma dezena de países, virou peça de teatro, virou filme, e tornou-se uma referência da literatura brasileira contemporânea.”

Seus primeiros trabalhos publicados, depois de adulto, foram o romance *Gran Circo das Américas* e *A cidade inventada*, um livro de contos. Conte-nos, do início ao fim, como foi criar o seu primeiro livro e como conseguiu que ele fosse publicado. Qual a repercussão e o desempenho de vendas desse que foi o seu batismo de fogo? Saber das dificuldades e realizações da primeira publicação é um dos assuntos que mais reverbera no interesse de nosso particular tipo de leitor.

É uma longa história, entremeada com a minha opção inicial de não cursar universidade, tentar a Marinha Mercante (mas só fiquei menos de um ano

na escola de oficiais do Rio de Janeiro) e integrar uma comunidade de teatro alternativo, que me envolveu com idas e vindas entre 1968 e 1977 (quando enfim fiz vestibular para Letras). Era tudo parte do projeto de me tornar escritor. Nesse período, escrevi três longos romances, todos imprestáveis, e enfim comecei a escrever alguns contos para educar meu texto, que poucos anos mais tarde formariam o conjunto de *A cidade inventada*. A comunidade de teatro era liderada pelo escritor W. Rio Apa, que foi um guru de muitos jovens artistas daquele tempo em Curitiba e litoral do Paraná, e que exerceu uma influência importante na minha formação. Lembro que ele me disse, lendo meus primeiros contos, que eu não sabia escrever diálogos, o que era verdade.

Assim, resolvi escrever *Gran Circo das Américas*, que é quase que inteiro dialogado. Caio Graco Prado, editor da Brasiliense, que então publicava o Rio Apa, leu, gostou e publicou a novelinha na coleção *Jovens do mundo todo*. A edição esgotou-se rapidamente, por força das indicações escolares paradidáticas, literatura dirigida, que começava a entrar em circulação nos anos 1970, o que era uma novidade.

Foi minha estreia, mas logo veio um choque: o Caio queria que eu cortasse um pequeno trecho do livro para a segunda edição, porque as professoras estavam reclamando (para os padrões de hoje, era uma cena

inocente de sexo), mas este escritor arrogante se sentiu ofendido e recusou-se a cortar o parágrafo.

Como resultado, minha ponte com uma grande editora foi rompida por uma década. Uma bobagem minha, porque o livro era fraquinho e com corte ou sem corte continuaria fraco. Mas logo esqueci dele, já com ambições bem mais altas.

Você experimentou dificuldades, no início de sua carreira, por ter publicado seus primeiros livros em Curitiba? Como e quando conseguiu ser publicado num centro maior?

Depois da experiência com a Brasiliense, expulso

do paraíso editorial, voltei ao quintal curitibano. A segunda publicação, *A cidade inventada*, saiu pela CoeEditora, uma cooperativa de escritores de Curitiba, que, naturalmente, em pouco tempo foi à falência. Em seguida, em parceria com o escritor Roberto Gomes, participei da fundação da Criar Edições, que foi a minha única experiência como editor. A Criar publicou meu terceiro livro, o romance *O terrorista lírico*.

Obviamente, naqueles tempos pré-internet, a repercussão desses livros foi praticamente zero, mesmo em Curitiba. Abandonei a Criar Edições, que o Roberto Gomes assumiu e manteve por muitos anos, tornando-se uma referência local importante. A mesma Criar publicaria meu romance seguinte, *Ensaio da Paixão*, escrito em 1981, que havia ganhado uma menção honrosa no Prêmio Cruz e Souza, de Santa Catarina. O livro saiu em 1986 em co-edição com a Fundação Catarinense de Cultura. Dois anos mais tarde sairia *Trapo*, pela Brasiliense, o que já abriu outra história.

***Trapo*, publicado pela Brasiliense em 1988, foi o primeiro livro a lhe proporcionar repercussão nacional. Poderia nos falar um pouco sobre ele?**

Para se ter uma ideia de como eram as coisas naquele tempo, *Trapo* foi escrito em 1982, logo em seguida ao *Ensaio da Paixão*, mas só foi publicado em 1988, pela mesma Brasiliense, quando retomei contato com o Caio Graco Prado, isso depois de várias recusas de editoras. Foram seis anos de espera. Foi um livro importante para mim, meu primeiro romance que considero estruturalmente consistente, e através dele eu comecei a descobrir minha linguagem literária e comecei a chegar à minha própria voz. Ou, dizendo de outro modo, a criá-la. Porque o ato de escrever nos transforma. Do ponto de vista prático, depois de *Trapo* nunca mais tive problemas para conseguir editora — *Trapo* foi um sucesso de crítica e de leitores. E eu tinha colocado na cabeça que jamais publicaria novamente um livro numa edição local ou de autor — por isso esperei seis anos. Hoje, pela internet, o panorama editorial é completamente diferente.

Do ponto de vista temático, *Trapo* explicitou psicanaliticamente minha divisão existencial: foi escrito no momento em que eu embarcava na universidade e no projeto acadêmico, e o sonho comunitário-alternativo de uma geração chegava ao fim. A oposição entre o velho professor Manuel e o jovem poeta suicida que define o livro ilustra essa crise pessoal. Mas isso, é

claro, só percebo agora, trinta anos depois...

***O filho eterno*. Naturalmente não temos como deixar de lhe pedir que compartilhe, com nossos escritores e aprendizes de feiticeiro, aquilo que desejar falar sobre essa obra, que recebeu tantos prêmios literários, inclusive fora do Brasil, e que virou filme em 2016.**

Na aparência, *O filho eterno* foi um total ponto fora da curva da minha vida de escritor. É o único romance autobiográfico que escrevi, com uma tensa fusão entre a ficção e a não-ficção, embora o traço romanesco seja dominante. Mas, vendo de longe, parece que fui me preparando livro a livro para escrever *O filho eterno*, especialmente pela natureza de seu narrador, uma cabeça sempre mais reflexiva que narrativa, e pela fusão dos tempos, o que transparece também no estilo da frase, na minha sintaxe. O livro anterior, *O fotógrafo*, já tinha sido uma mudança de rota.

Mas, é claro, o difícil para mim foi enfrentar o tema: escrever sobre algo tão profundamente pessoal, num terreno que é uma verdadeira casca de banana literária. A chance de você cair no sentimentalismo simplório, no apelo místico ou religioso ou mesmo na pieguice é muito grande, porque já há um discurso social preparado para atender esta demanda emocional. É um discurso que funciona na vida real, porque as pessoas em estado de luto existencial precisam de apoios referenciais, e todos são bem-vindos para nos equilibrar. Só que a literatura trabalha numa outra faixa, muito mais complexa, distante, e mesmo fria, para a gente ver melhor. Como a ficção pode não mentir num tema desses? Essa era a minha pergunta secreta.

Ao mesmo tempo, escrever o romance ilustrou a minha imagem da literatura: é algo que eu produzo não para dizer o que eu já sei, mas para descobrir o que ainda não sei. Escrever é investigar.

Bem, inesperadamente — porque, de fato, eu achava que o livro seria recebido com alta resistência por leitores e críticos —, *O filho eterno* foi um sucesso. Ganhou prêmios, foi traduzido para uma dezena de países, virou peça de teatro, virou filme, e tornou-se uma referência da literatura brasileira contemporânea.

Melhor que tudo, me permitiu abandonar a segurança da universidade, depois de 25 anos de sala de aula, para me dedicar apenas à literatura, do que não me arrependo, até porque o meu projeto acadêmico já estava se esgotando.

Pelo tipo de publicação que somos e pelo

tipo de público leitor que alcançamos, temos um particular interesse por alguns de seus livros em particular. Em primeiro lugar os dois livros escritos em parceria com Carlos Alberto Faraco, *Prática de texto e Oficina de texto*. E, a seguir, *O espírito da prosa – uma autobiografia literária*. Por favor, fale sobre elas para nossos escritores em construção.

Na universidade, eu sempre fui professor de língua portuguesa, eventualmente linguística, e não de literatura — foi uma opção minha, deixar a literatura num “quarto escuro”, por assim dizer, e dar apenas aulas de língua. O resultado desses cursos foi a produção dos livros *Prática de texto e Oficina de texto*, basicamente síntese dos programas que criei para as turmas de Comunicação Social e de Letras da UFPR. O amigo Carlos Alberto Faraco foi a parceria essencial dos projetos, meu mestre e orientador — tudo que aprendi na área devo às suas aulas. No começo eram apenas fascículos distribuídos aos alunos, depois apostilas, e enfim viraram livros, sob o selo da Vozes.

O espírito da prosa é outro livro também meio fora da curva — eu queria acertar algumas contas pessoais com o meu conceito de literatura, a minha experiência de escritor e a herança acadêmica. De certa forma, nasceu como uma investigação meio às cegas do que afinal me transformou num escritor. É sempre uma pergunta difícil.

“Todo romance meu nasce de uma imagem, que se desdobra num esboço de trama e, enfim, numa frase inicial que dá o tom fundamental do livro, a voz que narra. Isso posto, certinho assim, logo se embaralha e vira outra coisa.”

Você é um *plotter* ou um *pantser*? Um planejador ou um intuitivo? Prefere trabalhar com estrutura ou deixar a história fluir sem esquema prévio?

Digamos que eu sou 80% um intuitivo e 20% planejador. Sem um planejamento básico — o que inclui uma trama, mesmo que frágil, com um começo, um meio e um fim — e sem uma linguagem, ou, melhor dizendo, sem um narrador, uma voz autônoma, eu não consigo começar nada.

Escrever é, de fato, instituir um narrador (que não pode se confundir com o próprio escritor — esse é o detalhe fundamental). Bem, “instituído” esse narrador, acontece que já na segunda página a narração começa a ganhar uma independência esquisita, uma nova rede de relações de sentido, um desdobramento inesperado, de modo que o livro que eu termino jamais terá a forma ou estrutura que eu imaginava ao começar.

Como funciona o seu processo criativo?

Todo romance meu nasce de uma imagem (alguém, em algum lugar concreto, visível, com alguma expectativa na cabeça), que se desdobra num esboço de trama (o que vai acontecer?), e, enfim, numa frase inicial que dá o tom fundamental do livro, a voz que narra. Isso posto, certinho assim, logo se embaralha e vira outra coisa, mas se não houver aquele quadro inicial, que funciona como uma espécie de muleta de segurança, não consigo começar nada.

Um exemplo prático: *O fotógrafo* nasceu da imagem de um fotógrafo numa esquina, pago por alguém para fotografar secretamente uma pessoa que vai sair de um prédio. A esquina era aqui perto de casa, na rua Dr. Faivre, e o prédio uma fachada que posso até ver da janela da minha sala. A trama seria vagamente policial, uma espécie de filme B — nada mais comum do que um fotógrafo que, por dinheiro, mete o nariz na vida alheia.

Os lugares comuns se seguiram na minha cabeça: a fotografada seria uma jovem modelo, e quem contratou o fotógrafo o seu amante. Haveria um problema moral na cabeça do fotógrafo em aceitar o trabalho, mas dinheiro é dinheiro. Enfim, quase que eu via um Humphrey Bogart decadente no papel de fotógrafo. Essa imagem vaga perambulou anos na minha cabeça: um dia vou escrever um livro que começa assim, eu pensava. De repente me surgiu uma frase: “A solidão é a forma discreta do ressentimento”. A partir dela, quando finalmente resolvi começar o livro, *O fotógrafo* se fez e se transformou em alguma coisa completamente diferente do que supostamente eu pretendia escrever. A linguagem, desde a primeira frase, foi me arrastando numa outra direção.

Qual a sua rotina de escritor? Escreve diariamente ou aos impulsos? Em quanto tempo, em média, consegue produzir um romance?

Sou irritantemente metódico para escrever; impossível escrever uma narrativa de 200 páginas por im-

pulsos do acaso. Cumprida a fase acima — o tempo de incubação de uma imagem e de uma trama, que em geral leva anos —, chego a uma frase inicial e então me preparo para uma viagem de um a dois anos. Desde os anos 1980, quando começo um romance escrevo todos os dias, de segunda a sexta. Os horários que mudam: escrevi *Trapo* nas madrugadas; afinal, eu tinha menos de trinta anos, era desempregado e tinha energia sobrando. Mais adiante, já professor, passei a escrever pela tarde, reservando um horário livre entre 14 e 17 horas, já que minhas aulas eram normalmente pela manhã ou à noite.

Importante: jamais aceitei um cargo administrativo nos meus tempos de universidade. Nunca fui sequer chefe de departamento. Nunca descuidei das minhas obrigações acadêmicas e produzia bastante na área, mas não caí na esparrela administrativa, que, esta sim, teria acabado comigo e com o meu tempo. Depois de sair da universidade, passei a escrever pela manhã, e cada vez mais cedo. O romance que estou terminando agora, por exemplo, vem sendo escrito das 6 às 9 da manhã, que, a essa altura da minha vida, é o momento em que minha cabeça funciona melhor para a criação. O trabalho braçal de um romance leva de um a dois anos, normalmente.

Você acha que é possível ensinar alguém a escrever de uma forma mais adequada para uma carreira de escritor? O que acha das oficinas de escrita criativa?

Obviamente uma oficina de escrita criativa não faz um escritor, mas eu acho que pode ajudar quem tem talento, obsessão literária (que é o talento do leitor) e pretende ser escritor. É preciso as três coisas, talento, imersão literária e desejo. Numa oficina, você pode encontrar uma referência concreta para o que você escreve, uma avaliação mais fria e distante. Uma boa oficina literária oferece um bom leitor crítico, para quebrar o verniz da vaidade com que costumamos pintar o próprio projeto quando começamos. Mas não há fórmulas — e, na literatura, mais do que em qualquer outra área, cada caso é sempre um caso único.

O que você pode dizer para nossos leitores-escritores sobre escrever NÃO FICÇÃO?

Em primeiro lugar, se alguém pretende ganhar dinheiro com a escrita, a não ficção é um caminho imensamente mais promissor do que a ficção. As estatísticas dizem que a não ficção sempre vende mais do que a ficção. A literatura de ficção está virando

quase um nicho de mercado. Bem, a não ficção é uma área gigantesca em que cabe tudo, das biografias aos ensaios, da historiografia à autoajuda, do jornalismo à ciência, e às vezes tudo junto e misturado. Claro que a não ficção é fundamental para o processo civilizatório, principalmente no perigoso momento terraplanista em que vivemos.

Gostaríamos de saber sua opinião a respeito do eBook e seu futuro no Brasil

O eBook foi uma revolução sensacional, que eu jamais vi como uma ameaça ao livro tradicional. Pelo contrário, é um reforço ao território da leitura. A ideia de que o livro digital devoraria o livro de papel provou-se falsa. O eBook é complementar, uma multiplicação das oportunidades de leitura, e, em alguma medida, a realização da utopia de uma biblioteca universal. O acesso à informação que ele permite, pela rapidez e ubiquidade, é extraordinário. Parece que as estatísticas indicam um limite de crescimento do eBook até 20%, o que é razoável. Não sei como está no Brasil. Aqui, desgraçadamente, o advento da internet mais fragmentou a leitura do que reforçou-a. Assim como anos 70 a televisão chegou aqui antes do livro, na virada do milênio a Internet chegou antes de uma alfabetização consistente. De qualquer forma, há um gigantesco potencial digital a ser explorado, na medida em que o Brasil assuma alguma rota civilizatória.

Fale-nos, por favor, a respeito de suas relações com editores, ao longo de sua carreira

Depois do meu atrito adolescente com o Caio Graco Prado, lá no final dos anos 70, minha relação com os editores só melhorou — inclusive com o próprio Caio, que afinal me lançou nacionalmente com *Trapo*. Ainda que, sem me consultar, tenha colocado no livro um posfácio do Paulo Leminski que — um caso único no gênero, talvez — fala mal do romance. Foi bizarro, mas passou. Eu comento este episódio no posfácio que escrevi para a edição comemorativa dos 30 anos do *Trapo*, que a editora Record lançou há pouco, com apresentação de Beth Brait.

Meu livro seguinte, *Juliano Pavollini*, já saiu pela Record (a editora era a Clara Diament, excelente), que publicaria nos anos 80 *A suavidade do vento* e *O fantasma da infância*. Da Record, fui para a Rocco, que publicou *Uma noite em Curitiba* em 1995; na Rocco, muito bem editado pela Vivian Wyler, fiquei uma década. Com *O filho eterno*, de 2007, voltei à Record pelas mãos da Luciana Villas Boas, que começou a relançar todos os meus romances anteriores, num belo

projeto editorial que recolocou meu nome na praça, por assim dizer.

Já o meu romance mais recente, *A tirania do amor*, saiu pela Todavia, que é um selo maravilhoso. Hoje, até pelo espírito do tempo, passei a diversificar meus livros — acho que cada obra tem um jeito próprio e um perfil adequado de editora.

Por exemplo, lancei *Literatura à margem*, uma coletânea de ensaios, pela Dublinense; e uma seleção de poemas, *Eu, prosador, me confesso*, pela Tipografia Quelônio, de São Paulo, em edição limitada. A edição especial de *Trapo*, como eu disse, saiu pela Record, que mantém em catálogo praticamente toda a minha obra. O que eu sinto, revendo os últimos 50 anos, é que o mundo editorial brasileiro hoje é altamente diversificado e profissional, e de certa forma está desafiando o obsoleto sistema comercial do livro brasileiro, que sofreu brutalmente com o advento da Internet, a se reinventar.

Como um colega mais experiente e bem sucedido, o que você diria agora para nossos leitores, que estão na luta para tentarem chegar lá? Qual a sua mensagem final?

É difícil localizar uma mensagem que seja universal para os escritores — como eu disse, nessa área cada caso é sempre um caso único. Antes de mais nada: não tenham pressa. Eu diria que escrever é uma aventura ética, pessoal e intransferível. Entramos na literatura por conta própria; é preciso aguentar esse tranco, que não é fácil nem tranquilo. Eu costumo brincar com uma imagem: é a infelicidade que faz a literatura. Mas, para a coisa não ficar muito sinistra, sempre podemos lembrar que, ao final, como todo bom leitor sabe, a literatura traz felicidade.



“Eu diria que escrever é uma aventura ética, pessoal e intransferível. Entramos na literatura por conta própria; é preciso aguentar esse tranco, que não é fácil nem tranquilo.”

Prêmios de Cristovão Tezza:

Prêmio Petrobras (1989)

Prêmio da Biblioteca Nacional (1998)

Prêmio Jabuti (2004, 2008 e 2017)

Prêmio Bravo! (2005 e 2008)

Prêmio da Academia Brasileira de Letras (2004)

Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (2007)

Prêmio São Paulo de Literatura (2008)

Prêmio Zaffari-Bourbon (2008)

Prêmio Portugal Telecom de Literatura (2008)

Prêmio Charles Brisset (França, 2009)

Prêmio Minuano (2019)

Obras de Cristovão Tezza:

• Romances - Ficção

- Gran Circo das Américas** - Brasiliense, 1988
- O Terrorista Lírico** - Criar Edições, 1981; Amazon Kindle, 2014
- Ensaio da Paixão** - Criar Edições, 1985; Rocco, 1999, ed. revista; Amazon Kindle, 2014
- Trapo**, - Brasiliense, 1988; Rocco 1995; Record, 2007
- Aventuras Provisórias** - Mercado Aberto, 1989; Record, 2007, ed. revista
- Juliano Pavollini** - Record, 1989; Rocco, 2002; Record, 2010, ed. revista
- A Suavidade do Vento** - Record 1991; Rocco, 2002; Record, 2015, ed. revista
- O Fantasma da Infância** - Editora Record, 1994; 2007
- Uma Noite em Curitiba** - Rocco, 1995; Record, 2014
- Breve espaço entre cor e sombra** - Rocco, 1998;
- Breve espaço** - Record, 2013, ed. revista;
- O fotógrafo** - Rocco, 2004; Record, 2011, ed. revista
- O filho eterno** - Record, 2007
- Um erro emocional** - Record, 2010
- O professor** - Record, 2014

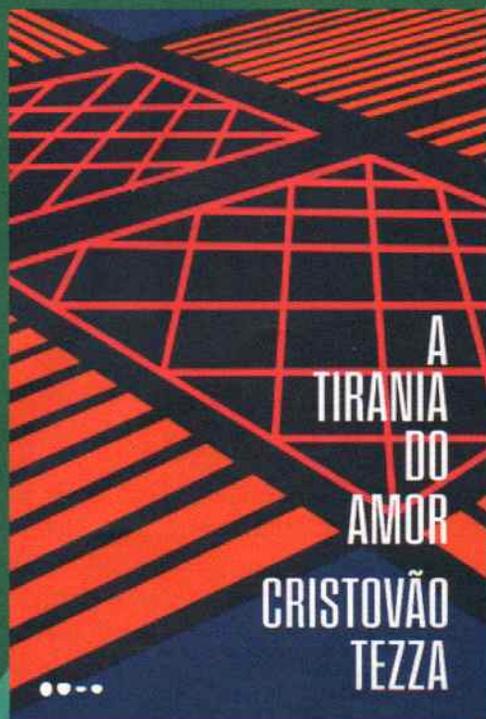
- A tradutora** - Record, 2016
- A tirania do amor** - Todavia, 2018

• Contos

- A Cidade Inventada** - Coeditora, 1980; Amazon Kindle, 2014
- Beatriz** - Record, 2011

• Não Ficção:

- Entre a prosa e a poesia - Bakhtin e o formalismo russo** - Rocco, 2002; Amazon Kindle, 2014
- O espírito da prosa - uma autobiografia literária** - Record, 2012
- Um operário em férias** (seleção e apresentação de Christian Schwartz) - Record, 2013
- Leituras - resenhas & ensaios** (textos críticos; apresentação de Manuel da Costa Pinto) - Amazon Kindle, 2014
- Literatura à margem** - Amazon Kindle, 2014
- A máquina de caminhar** (seleção e apresentação de Christian Schwartz) - Record, 2016
- Literatura à margem (Edição ampliada)** - Dublinense, 2018



A TIRANIA DO AMOR CRISTOVÃO TEZZA

Ilustradora ELAINE RAMOS,
Ed. Todavia, 176 pgs. 2018

A tirania do amor foi classificado como finalista em três grandes prêmios literários do Brasil em 2019, inclusive no Prêmio Jabuti de número 61.

SINOPSE:

Sozinho no carro, o economista Otávio Espinhosa toma uma decisão radical: abdicar do sexo. O que parece piada se revela uma profunda crise pessoal: um casamento falido, problemas com o filho militante político, o fim humilhante de sua carreira acadêmica e a experiência sui generis de ter tentado enriquecer como guru de autoajuda. Também a carreira de Otávio parece estar em perigo: tudo indica que ele será demitido da empresa de investimentos onde trabalha. O leitor vai aos poucos destrinchando a investigação de um esquema no qual Otávio pode ou não estar envolvido, desenhando o panorama de um país em ruína econômica, cultural e moral.

No lugar da literatura ou filosofia que pautavam as obras anteriores de Tezza, é a matemática – esta “arte sem afetação”, que promete uma forma lógica de pensar o mundo – que impulsiona as digressões de *A tirania do amor*. Otávio, porém, logo perceberá que nem a racionalidade serve para domar a vida, nem ele mesmo é tão racional quanto gostaria de acreditar.